

CRÍTICA DA MODERNIDADE E
“MARXISMO GÓTICO”: Michael Löwy
e o surrealismo

Deni Alfaro Rubbo *

LÖWY, Michael. *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. 2. ed., revista e ampliada. São Paulo, Boitempo, 2018.160p

Mais do que curiosidade ou paixão passageira, o marxismo, sua história e suas manifestações (políticas, econômicas, intelectuais, culturais etc.) tornaram-se um projeto e um horizonte de vida, ou melhor, uma visão de mundo, que marcam decididamente a identidade de Michael Löwy (1938-) como intelectual público. Com mais de sessenta anos de uma produção intelectual que se desenvolve através de diversas fases, seus trabalhos difundem-se e circulam pelo mundo em dezenas de idiomas. Com estilo próprio e posição singular no campo científico, a contribuição do sociólogo franco-brasileiro para o pensamento crítico contemporâneo e, particularmente, para a sociologia da cultura mostra-se fundamental para a renovação crítica do marxismo.

Apesar disso, Löwy ainda é desconhecido como militante surrealista. É preciso, portanto, distinguir o lugar do surrealismo em sua trajetória, em vista do que a Boitempo Editorial publica no Brasil a segunda edição de *A estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. Esgotada a tradução publicada pela editora Civilização Brasileira, em 2002, acrescentam-se agora à nova edição algumas atualizações e um novo

* Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Amambai. Rua José Luís Sampaio Ferraz. Vila Giseli. Cep: 79990000. Amambai – Mato Grosso do Sul – Brasil. deni_out27@uol.com.br http://orcid.org/0000-0001-9150-6565

ensaio – nove no total – sobre as dimensões romântico-revolucionárias do surrealismo.

Até hoje surrealista convicto e confesso, Löwy aderiu apaixonadamente à corrente estética e política fundada por André Breton, aos dezesseis anos, momento em que também abraça a militância política revolucionária sob influência do economista Paul Singer (1932-2018), que aproveitava para indicar ao jovem a obra de Rosa Luxemburgo. O filho de judeus austríacos descobre (e define) o surrealismo como um conjunto “ao mesmo tempo” poético, artístico e revolucionário. Consequentemente, a incipiente militância política – primeiro como membro da Liga Socialista Independente (LSI) e, posteriormente, da Organização Revolucionária Marxista Política Operária (Polop) – não deixava que o surrealismo fosse apenas uma escola artística, bem como não permitia que a militância fosse compreendida como uma função burocrática. Afinal, uma parcela significativa dos surrealistas aproximara-se explicitamente das posições de Trotsky e da Oposição Comunista de Esquerda na década de 1930, o que selou em definitivo o rompimento com stalinismo. Era preciso conjugar sonho e ação, poesia e subversão, independência e liberdade individual – pontos ausentes do “realismo estreito” do comunismo soviético. Naquela época, portanto, identificar-se com o universo surrealista era também posicionar-se favorável à crítica da “burocracia stalinista” elaborada pelo líder da IV Internacional.

O lema asseverado por Breton sobre *transformar o mundo* (Marx) e *mudar a vida* (Rimbaud) parecia cair perfeitamente bem nos projetos de Löwy, morador da cidade de São Paulo na década de 1950. É curioso que esse interesse nutrido pela potencialidade da imaginação, da magia, do inconsciente e da poesia o tenha feito aderir especificamente ao surrealismo, que nessa época se encontrava em baixa tanto no Brasil quanto na própria França. Talvez sua adesão “tardia e um tanto anacrônica” ao surrealismo seja, como sugere Enzo Traverso (2012), (mais) um indício do seu “lugar in-

classificável e singular na paisagem intelectual” de seu tempo.

A fusão entre socialismo revolucionário e “revolução surrealista” revela, em certa medida, a concepção marxista de Löwy, profundamente antiautoritária e libertária, de cujos valores éticos, políticos e estéticos jamais abriu mão. Pode-se dizer, portanto, que o surrealismo é uma força gravitacional que o manteve na trincheira da cultura política antistalinista, como um crítico implacável das degradações burocráticas da URSS e do Leste Europeu, enquanto transitava inicialmente pelo luxemburguismo e, posteriormente, pelo trotskismo e guevarismo.

É com essa bagagem e posicionamento que o jovem Löwy ingressa, em 1956, no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, no prédio da rua Maria Antônia. A dupla militância – política e surrealista – na esquerda da esquerda e o “cumprimento das obrigações” na universidade moldaram sua trajetória e personalidade: um “sujeito de convicções” e de “temperamento cordato e amável”, testemunhou seu amigo Roberto Schwarz (2007). O “arranjo era incomum”, leia-se disciplinado-libertário, embora uma coisa não anulasse a outra. Com essas características constituía uma figura ímpar, já que, nessa época, seus professores alimentavam um interesse estritamente científico e acadêmico por Marx (e pelo marxismo), bem como um afastamento da vida política.

Por conseguinte, a influência do surrealismo na obra de Löwy não deve ser minimizada. Não se trata de um componente exótico de seu arsenal político-intelectual, pois também se encontra integrado à *forma* dos seus trabalhos sociológicos. Não por acaso, seu estilo de escrita imprime qualidades literárias – *mutatis mutandis* como aquela atribuída ao “estilo literário” de Marx analisada por Ludovico Silva¹ – inclusive em textos

de cunho político-social; momentos de senso de humor e ironia, recurso a imagens, analogias e metáforas históricas são recorrentes em sua obra multifacetada, provocando em seus leitores “iluminações profanas” e neles suscitando uma comunicação criativa na compreensão de suas teorias, diferentemente do que ocorre com o estilo pragmático adotado pelo campo científico especializado. Em *Redenção e utopia* (1989), por exemplo, trabalho em que Löwy analisa uma geração de intelectuais judeus nascidos no último quarto do século XIX, oriundos na Europa central que produziram ideias libertárias, o autor expressa da seguinte maneira a peculiaridade do itinerário da “filosofia” de Walter Benjamin e suas formas de fundir diversas vertentes teóricas (messianismo, romantismo e marxismo):

O pensamento de Benjamin avança como o quadro de um artista que não apaga jamais seus traços, mas os cobre a todo instante com uma camada nova de tinta, parecendo ora seguir o contorno dos primeiros esboços, ora ultrapassá-los em direção a uma forma inesperada” (Löwy, 1989, p. 86).

Outro exemplo desse estilo literário pode ser encontrado no próprio *A estrela da manhã* quando define a potencialidade do movimento surrealista por meio de imagens: “um lugar mágico de resistência, uma transparente luz de recusa, um espírito irônico de negação de todas essas viscosas manifestações de sujeição mitológica” (Löwy, 2018, p. 25). Ou quando assinala a contribuição de Vincent Bounoure (1928-1996) nas décadas após o desaparecimento de Breton: “ele manteve viva a chama da vela-pássaro, a luz da lâmpada-nuvem” (Löwy, 2018, p. 71). Portanto, o surrealismo não apenas afastou Löwy das ortodoxias

espaço que vai mais além dos versos e se estende na prática a muitos tipos de linguagem, do mesmo modo a literatura, como tal, como conceito e como prática, ultrapassa as obras de ficção ou imagética e se estende por todo o largo campo da escritura. (...) [Ela] a serviço de uma vontade de expressão que não se contenta com a boa consciência de utilizar os termos cientificamente corretos, mas que a acompanha com a consciência literária empenhada em que o correto seja, ainda, expressivo e harmônico, e disposta a conseguir, mediante todos os recursos da linguagem, que a construção lógica da ciência seja, também, a arquitetônica da ciência” (Silva, 2012, p. 11).

¹ Em *O estilo literário de Marx*, Ludovico Silva defende a hipótese de que o sistema científico de Marx é sustentado por um “sistema expressivo”. Segundo o sociólogo venezuelano, “literário porque, assim como a poesia abarca um

do marxismo burocrático, mas também serviu como repositório utópico para sua produção científica enquanto *escritor*.

Seja como for, a procura permanente por afinidades onde a princípio o academicismo apenas encontra estranhamento revelou-se uma das marcas genuínas da “imaginação sociológica” de Michael Löwy. Através de fenômenos e noções “aparentemente díspares” e de autores epistemologicamente distintos, inaceitáveis para certas vertentes do marxismo mecanicista, o intelectual construiu uma agenda de pesquisa colocando lado a lado um conjunto de contrários: Marx-Weber (Löwy, 2014), romantismo-revolução (Löwy; Sayre, 2015), religião-atéismo (Löwy, 1988; 2000), socialismo-ecologia (Löwy, 2014a), anarquismo-marxismo (Löwy; Besancenot, 2016) e, no caso em tela, arte e política.

A estrela da manhã se lê com prazer. Devoram-se as trajetórias políticas e literárias de André Breton (o amor louco, a poesia do maravilhoso e a revolução social), o “espírito de insubmissão” de Vincent Bounoure e a rebeldia provocativa de Guy Debord, com suas intuições libertárias e, especialmente, com a tese da “sociedade do espetáculo”. Mergulha-se pela história do surrealismo, suas influências (socialistas utópicos, anarquismo e marxismo), suas tensões (Breton *versus* Naville) e seu papel na cultura revolucionária, através de inúmeras atividades coletivas do grupo (declarações, jogos, folhetins, desenhos, pinturas, revistas etc.) e nas atitudes e comportamentos de seus participantes. Ademais, é possível realizar a leitura de cada ensaio de modo independente, o que não prejudica o entendimento da totalidade das ideias expostas no livro.

No primeiro capítulo (“Romper a jaula de aço”), Löwy (2018) recorre ao diagnóstico de *die entzauberung der Welt* (o desencantamento do mundo) utilizada pelo sociólogo alemão Max Weber como efeito do *ethos* da civilização moderna. Nesses termos, o “estado de espírito” do movimento surrealista realizaria sua intervenção política-artística-comportamental

como crítica da forma prisioneira da “racionalidade abstrata” da “civilização industrial moderna”. Todos os traços fundamentais do *éthos* capitalista weberiano são opostos do surrealismo cuja boemia rebelde leva ao encontro do socialismo e da revolução. O surrealismo como crítica da modernidade seria uma tentativa de “reencantamento do mundo” ao fornecer uma produção de textos (manifestos, artigos, poemas, contos etc.) e imagens sempre opostas (“espírito que sempre diz não”) às aporias dos processos de quantificação e reificação da vida capitalista. Essa é a tese que se faz presente em praticamente todos os textos do livro.

Em oposição aos mitos do obscurantismo religioso e nacionalistas (incluindo versões da extrema-direita do passado e do presente), Löwy propõe no capítulo seguinte (“A estrela da manhã: o mito novo do romantismo ao surrealismo”) outra apropriação da noção de mito como uma “via não religiosa de reencontro com o sagrado” (Löwy, 2018, p. 21), baseando-se nas definições dos filósofos Ernst Bloch (“a luz utópica do futuro”) e Friedrich Schlegel (“humano-universal”). Enquanto estratégia de transgressão do mundo pelos surrealistas, o mito-poético seria incorporado como uma alternativa profana (no sentido “materialista” e “antropológico”) “à dominação religiosa sobre o não racional” (Löwy, 2018, p. 23).

Nos capítulos dedicados às personalidades do surrealismo, como André Breton (“O marxismo libertário de André Breton”), Pierre Naville (“Pessimismo revolucionário: Pierre Naville e o surrealismo”) e Vincent Bounoure (“Vicent Bounoure: a espada cravada na neve ou o espírito que quebra mas não dobra”) – este último mais uma homenagem póstuma do que uma análise –, Löwy procura apontar diferenças entre Breton e Naville cujos desacordos “eram menos políticos do que filosóficos” (Löwy, 2018, p. 50). De um lado, o autor de *Nadja* entendia o marxismo como superação dialética das velhas posições entre idealismo e materialismo; do outro, o autor de *La Révolution et les intellectuels* compreendia que a revo-

lução ocorreria somente na concreticidade da vida (e não no “espírito”) e, por fim, marxismo e anarquismo seriam duas tendências irreconciliáveis, o que, por seu turno, para Breton seria uma síntese. Ainda que se identifique integralmente com as ideias, valores e concepções de Breton – curiosamente um dos textos mais enxutos do livro –, Löwy valoriza a expressão “pessimismo organizado”, cunhado por Naville, como uma crítica ao otimismo adotado pela direção comunista (stalinista). Organizado e ativo, o pessimismo de Naville enxerga com desconfiança (e melancolia) o progresso automático e triunfante da locomotiva da história moderna, que não é garantia de final feliz.

Dois capítulos são dedicados a pensadores não surrealistas, tais como Walter Benjamin (“Walter Benjamin e o surrealismo: história de um encantamento revolucionário”) e Guy Debord (“O romantismo *noir* de Guy Debord”). No primeiro, Löwy mapeia os contatos preliminares do filósofo alemão com o surrealismo e destaca o afamado ensaio “Surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia”, publicado em 1929 na Alemanha através de uma exegese do texto de Benjamin. No segundo, o autor aproxima Debord do surrealismo, através de sua participação da Internacional Letrista dos anos 1950 e da Internacional Situacionista dos anos 1960, já que o ensaísta francês não escreveu exclusivamente sobre o surrealismo. Tanto Benjamin quanto Debord não deixaram de se reivindicar *marxistas*, apoiados na leitura de *História e consciência de classe* de Lukács, especialmente na teoria da reificação (cf. Rubbo, 2010).

Apesar das diferenças entre os autores analisados em *A estrela da manhã*, neles há características em comum. O sociólogo “marxista-weberiano” insiste distanciar o universo subjetivo de Breton, Naville, Debord e Benjamin, a de um suposto “materialismo metafísico” e/ou “irracionalista”, reforçando que são, na realidade, tributários de uma visão racionalista do mundo herdada da filosofia das luzes com *horizonte de superação*. Löwy identifica a presença de um

“marxismo gótico” – termo bastante inusitado – que caracteriza de três modos: a) “um materialismo histórico sensível à dimensão mágica das culturas do passado” (Löwy, 2018, p. 35); b) leituras inspiradas em Rimbaud, Baudelaire, Lautréamont e no *roman noir* inglês (Lewis e Maturin) – e não apenas da tradição do marxismo clássico; c) “referência positiva a certos momentos-chave da cultura profana medieval” (como, por exemplo, o amor cortês da Idade Média provençal). Com efeito, aos olhos de Löwy, tal constelação de autores possui uma visão romântica e marxista do surrealismo, isto é, são animados pela busca por “transformar a nostalgia em uma força explosiva, em uma arma envenenada contra a ordem de coisas existente, em um rompimento revolucionário em direção ao futuro” (Löwy, 2018, p. 68). Haveria, assim, uma valorização dos modos de vida e da subjetividade pelas tradições do passado como a cabala, alquimia, magia, astrologia e “arte primitiva”. Contudo, cabe destacar a ausência de uma reflexão sobre a importância do afro-surrealismo e seus agentes, que mergulharam nos costumes antigos e nas magias africanas. Por exemplo, um personagem como o poeta e político Aimé Césaire (1913-2008), que foi um “surrealista sem saber”, como afirmou Wallerstein (2006, p. 7), com seus cruzamentos heterodoxos entre marxismo, negritude e anticolonialismo, seria uma trajetória atraente para uma análise marxista anticolonial.

O “marxismo romântico” de Breton, Naville, Debord e Benjamin faz parte de uma ampla agenda de pesquisa na sociologia da cultura que Löwy tem construído desde o início da década de 1980 definindo o romantismo como estrutura de sensibilidade, estilo de pensamento e visão de mundo presente em todos os domínios da cultura. E, mais uma vez, Löwy recorre a Weber e seus “tipos-ideais” como instrumento metodológico de classificação dos perfis de romantismos (retrógrado, conservador, desencantado, revolucionário etc.) na história das ideias marxistas. Com efeito, não existiria romantismo, no singular;

mas romantismos, no plural. Nesse sentido, a noção trazida por Löwy supera a concepção estreita que Lukács tinha do romantismo, *id est*, uma corrente *homogênea*, apoiada em “bases sociais de caráter burguês” (cf. Lukács, 1971). A principal crítica deste empreendimento de Löwy talvez seja uma abertura excessiva de pensadores tão heterogêneos e de gerações distintas na condição de “marxistas românticos”. *Et pour cause*, como atesta no último e inédito capítulo (“Carga explosiva: o surrealismo como movimento romântico”), a fusão entre marxismo, romantismo e revolução – no caso dos surrealistas, “marxismo gótico” – como crítica da modernidade foi uma das maneiras pelas quais o sociólogo franco-brasileiro encontrou de atualização do(s) marxismo(s) em meio à crise dos paradigmas das ciências sociais e da derrota histórica da esquerda revolucionária nas últimas décadas.

Os textos de Löwy sobre o surrealismo não podem ser vistos como os de um analista “externo” sobre o movimento, mas de alguém que se identifica e participa política e artisticamente, quase de modo integrado, da história do movimento. Daí, então, é possível perceber sua apologia explícita aos surrealistas, idealizando, muitas vezes, seus feitos e realizações, fundamentadas mais naquilo que ele desejaria que fossem e menos no que realmente são. Isto é, apesar de um período flagrantemente de destaque nos círculos artísticos e políticos entre as décadas de 1920 e 1940 na história da cultura crítica da França, o movimento liderado por Breton e seus seguidores ficou enfraquecido e circunscrito em meio às novas tendências e manifestações artísticas e estéticas do “mundo ocidental-capitalista” e do “mundo socialista-soviético”, as quais continuaram rivalizando até o final da década de 1980. Como se pode perceber no capítulo “O surrealismo depois de 1969”, os surrealistas continuaram suas atividades, mas com iniciativas pontuais de grupos parisienses (e também de Praga), como a criação de revistas (*Bulletin de Liaison Surréaliste*, *Surréalisme* etc), a edi-

ção de coletâneas (*La Civilisation surréaliste*, de 1976; *Insoumission poétique*, de 2011) e a promoção de debates.

Desse modo, segundo Löwy, o surrealismo funciona como antídoto das “águas geladas do cálculo egoísta”, tal como dizia Marx, em vista do *reencantamento* de um mundo reificado e mercantil. Nas distintas fases e reviravoltas, a trajetória do intelectual franco-brasileiro é expressão do encontro herético entre marxismo crítico, Max Weber e romantismo, uma criatividade teórica que não o isenta, como foi ressaltado, de eventuais limites e desacordos. De toda forma, para Löwy, não haverá revolução (surrealista) sem utopias nem transformação social sem “aposta melancólica”, que reside na consciência de que nada é preestabelecido (cf. Bensaïd, 1997). Uma “utopia concreta” e possível, como afirmava Ernst Bloch (2005).

Em síntese, trata-se de um livro altamente recomendável cuja unidade temática desvenda-se em sua plenitude através da sintonização com a trajetória intelectual de Michael Löwy. Desse modo, a importância do surrealismo em seu itinerário está distante de exercer uma mera distração. Percebe-se, em Löwy, além de uma preocupação de politização da arte, a capacidade de ativar potencialidades dos sonhos e utopias. Movimento libertário que conseguiu disseminar um *ethos* anticapitalista, de estimular rebeliões individuais e coletivas contra a ordem dominante, Löwy encontrou no surrealismo um uso revolucionário de uma imaginação social e de uma paixão política-artística como traços decisivos na reflexão marxista e na intervenção intelectual. Como a figura de um *flâneur*, atravessador de fronteiras, o intelectual franco-brasileiro tornou-se um observador privilegiado da paisagem cultural e política a partir da metade do século XX e do início do século XXI. Assombrado pelas esperanças e desilusões durante essa transição histórica, moldada por catástrofes “modernas” e derrotas históricas, ele apostou principalmente na renovação do marxismo francamente aberto e nas diversas lutas e resistências sociais dos su-

balternos a contrapelo tanto da modernidade capitalista (neo)liberal quanto do socialismo de Estado burocrático. Ao nosso ver esses são motivos instigantes para conhecer o livro que mostra uma face significativa do autor, um dos maiores sociólogos marxistas da atualidade.

Recebido para publicação em 25 de abril de 2019
Aceito em 14 de agosto de 2020

REFERÊNCIAS

- BENSAÏD, D. *Le pari mélancolique: métamorfoses de la politique, politique des métamorfoses*. Paris: Fayard, 1997.
- BLOCH, E. *O princípio da esperança*. Rio de Janeiro: EdUERJ/ Contraponto, 2005 (v.1).
- LÖWY, M. *Redenção e utopia: o judaísmo libertário na Europa Central*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LÖWY, M. *A Guerra dos Deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LÖWY, M. *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- LÖWY, M. *O que é o ecossocialismo?* São Paulo: Cortez, 2014a.
- LÖWY, M. *A Estrela da manhã: surrealismo e marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- LÖWY, M.; BENSACENOT, O. *Afinidades revolucionárias: nossas estrelas vermelhas e negras. Por uma solidariedade entre marxistas e libertários*. São Paulo: UNESP, 2016.
- LÖWY, M.; SAYRE, R. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LUKÁCS, Georg. *Nueva historia de literatura alemana*. Buenos Aires: La Pléyade, 1971.
- RUBBO, D. A. "As estruturas da reificação em curso: Walter Benjamin e Guy Debord, leitores de História e Consciência de Classe". *Plural*, n. 17, p. 9-34, 2010.
- SCHWARZ, R. "Aos olhos de um velho amigo". In: JINKINGS, I.; PESCHANSKI, J. A. (Orgs.) *As utopias de Michael Löwy: reflexões sobre um marxista insubordinado*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 156-165.
- SILVA, Ludovico. *O estilo literário de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- TRAVERSO, E. "Le marxisme libertaire de Michael Löwy". In: DELECROIX, V.; DIANTEILL, E. (Orgs.) *Cartographie de L'utopie. Louvre indisciplinée de Michael Löwy*. Paris: Sandre Actes, 2012. p. 27-38.
- WALLERSTEIN, Immanuel. "Aimé Césaire: colonialismo, comunismo y negritud" In: *Discurso sobre el colonialismo*. Madrid: Ediciones Akal, 2006, p.7-12.

Deni Alfaro Rubbo – Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (Uems) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória). Integra o grupo de pesquisa *Periféricas – Núcleo de Estudos em Teorias Sociais, Modernidades e Colonialidades*, vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (FFCH/UFBA). Atua na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia dos Intelectuais, da Cultura, Teoria e Pensamento Social Brasileiro e Latino-americano, principalmente com pesquisas relacionadas à história do marxismo, história das ciências sociais, perspectiva decolonial, circulação de ideias e movimentos sociais. Suas mais recentes publicações são: *Anibal Quijano em seu labirinto: metamorfoses teóricas e utopias políticas*. (Sociologias, v. 21, n. 52, 2019); *Peasant internationalism in South America: political training, experiences and practices of resistance*. (Agrarian South: Journal of Political Economy, v. 7, 2018); *Anibal Quijano e a racionalidade alternativa na América Latina: diálogos com Mariátegui*. (Estudos Avançados, v. 32, n. 94, 2018); *Dois mestres na periferia do capitalismo: Michael Löwy e Mariátegui*. (Caderno CRH, v. 31, n. 83, 2018), em coautoria com Ruy Braga.